



Fig. 1: Josely Carvalho, Marielle Franco, 2013-2018. Imagem: divulgação.

ARTIGO

A ARTE E O INSTANTE POLÍTICO

Hoje, as práticas poéticas e políticas nos deixam em terreno arenoso. Diversos artistas se arriscam ao registrar fatos sem o julgamento do tempo e, às vezes, trazem a abundância de citações, referências e metáforas tão presente nas narrativas contemporâneas...

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA
ABCA/SÃO PAULO

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e o vazio, mas o tempo saturado de “agoras”.

(Walter Benjamin, *Teses sobre o Conceito da História*, 1940).

“Toda arte é política?” Essa definitivamente é uma questão perturbadora. A preocupação e a crítica social dos modernistas, o realismo socialista dos clubes de gravuras, a irreverência pop das bananas de Antônio Henrique Amaral, a acidez de Antônio Dias e a denúncia de João Câmara Filho, no fundo, tornaram-se exemplos de como os artistas brasileiros são tocados pelo instante que vivem. Aos historiadores e especialistas, parecem mais seguras referências datadas entre 1930 e 1980 - quando as fronteiras entre arte e política, aparentemente, deixam margens mais confortáveis para digressões e debates.

Hoje, as práticas poéticas e políticas nos deixam em terreno arenoso. Diversos artistas se arriscam ao registrar fatos sem o julgamento do tempo e, às vezes, trazem a abundância de citações,

referências e metáforas tão presente nas narrativas contemporâneas. Eles travam indagações envolvidas pelo “calor da hora” e continuam criando obras motivadas pelas circunstâncias políticas de sua época - algo que os teóricos não conseguem de modo tão tenaz, justamente, porque precisam do distanciamento do tempo. Atônitos com as reverberações políticas atuais, entre as elas, as Jornadas de Junho de 2013 (também conhecidas por Manifestações pelos 20 Centavos), as passeatas pró-impeachment da presidente Dilma Rousseff, a Operação Lava Jato (2015/2016) e demais consequências, historiadores e demais intelectuais tentam articular historicamente esse processo político em curso.

Já os trabalhos artísticos que emergem dessa situação não se conservam apenas no lugar de comentário da vida ou se colocam meramente como panfletos de militância partidária. As obras espelham demandas e sentimentos da coletividade - são declarações políticas que, em sua maioria, evocam o potencial transformador da arte. Lembremos que, em meio às táticas

de protesto, surgem manifestações artísticas, tais como, fotografias, performances, grafites, música e dança que acabam por compor uma estética contemporânea. Recordemos ainda que nos últimos 40 anos, arte e política têm importante quebra de paradigmas.

A INERENTE TRANSGRESSÃO DA ARTE PERMITE SAIR DO NÍVEL DO DISCURSO PARA A PRÁTICA DIÁRIA...



Fig. 2: Marcela Tiboni, Resistência Uniforme, 2017-2018. Imagem: Divulgação.

O fim do discurso centrado nas metanarrativas e as constantes revisões historiográficas trazem preocupações e atividades que requerem o tratamento de questões sociais, de gênero, do corpo, da sexualidade e das instituições que detém algum tipo de poder (família, escola, igreja, entre outras) e todo e qualquer domínio dos saberes. O atual contexto político exige ainda a prática das micropolíticas - as pequenas revoluções que provam que a existência é, fundamentalmente, um movimento de resistência. A inerente transgressão da arte permite sair do nível do discurso para a prática diária.

As buscas destinam-se ao relato de histórias individuais, às particularidades das origens dos artistas, à genuinidade de lugares, ao entendimento do cotidiano urbano e do seu papel na sociedade. Contudo, todos procuram, através do trabalho artístico, dar sentido à existência, seja a sua própria ou a da coletividade. Artistas, coletivos e movimentos artísticos têm crucial papel na construção de seu tempo através de

múltiplas linguagens estéticas. Alguns atingem um significativo grau de especificidade no modo de construção e se tornam, de certo modo, cronistas do cotidiano - uma expressão que somente pode ser compreendida através da reconstituição dos diversos "agoras" - um tempo fragmentado diante da profusão de imagens, sons e sentidos imersos na sociedade contemporânea. As práticas poéticas e políticas podem responder às atuais indagações e/ou podem implicar novas reflexões.

EM MARÇO DE 2014, NA EXPOSIÇÃO PINTURA COMO MEIO - 30 ANOS, APRESENTADA NO MAC USP, CIRO COZZOLINO APRESENTA A TELA SP JUN 2013...

Em março de 2014, na exposição *Pintura como Meio - 30 anos*, apresentada no MAC USP, *Ciro Cozzolino* apresenta a tela *SP Jun 2013*. Produzida no instante das manifestações populares, que tomam as principais cidades brasileiras, a obra traz a multidão: nela, personagens diversos em posição de protesto (de punhos cerrados) e de combate. Um pouco deslocado do centro, à esquerda, o mascarado



Fig. 3: *Ciro Cozzolino*, Junho 2013. Imagem: Divulgação.

Anonymous, mais ao canto o *Black Bloc* e o símbolo anarquista e, ao fundo, os arranha-céus de São Paulo. Dentro da estética do grafite e do mundo dos quadrinhos, o artista retrata a juventude da primeira semana das Jornadas liderada pelo MPL (Movimento Passe Livre) que tem como demanda o não aumento das tarifas de ônibus e metrô da capital paulista.

A agitação nas ruas do país torna-se intensa. No Rio de Janeiro e em outras cidades semelhantes, instituições financeiras são atacadas - parecia que Seattle era o modelo para a mobilização. Os protestos contra o FMI e o Banco Mundial surgem como protótipo para a postura política daqueles jovens. Josely Carvalho recolhe os vidros blindados atacados pela multidão e concebe *Memorial às Resistências*, 2013. Naquele instante, o modo de ocupação das ruas persiste como revolta contra o sistema capitalista. Josely conserva o ato que irrompe dos manifestantes; emoldura a memória do vidro estilhaçado. Em 2018, após o assassinato de Marielle Franco, a artista resolve atribuir seu nome à obra. Talvez, por compreender

que o processo que se inicia nas manifestações de 2013 tenha relações com a morte da vereadora carioca.

Nesse ponto, convém dizer que, após sua segunda semana, apropriadas pela juventude meritocrática e midiática, as Jornadas de Junho de 2013 tomam um discurso voltado ao combate à corrupção. Elas integram o processo histórico e, simultaneamente, preparam as ruas para o impeachment da presidente Dilma e todos os seus desdobramentos atuais. Nessas manifestações, “vermelhos” e “verdes-e-amarelos” tomam as ruas e travam batalhas no campo das reivindicações. Na memória de alguns deles, o movimento dos “cara-pintadas” e o impeachment de Collor, em 1992. Nessa movimentação, estão artistas militantes à esquerda e artistas à direita (por que não?).

Dos grandes aos pequenos acontecimentos, “nada do que um dia acontecer pode ser considerado perdido para a história”, como diria Walter Benjamin ... e tão pouco à arte. A revolução diária dos artistas mostra-se profundamente comprometida com o combate à exclusão social. Beth

Moysés está envolvida com universo feminino, trazendo para suas obras embates sobre gênero, identidade, abusos, violência doméstica, assim como a necessária solidariedade entre as mulheres. Sua investigação artística está ligada à reflexão sobre o aumento do feminicídio no país. Em 2014, Beth Moysés chama atenção para as 5.664 mulheres mortas naquele ano. Sua bandeira do Brasil é composta por esse número de capsulas de balas deflagradas. Coincidência ou não, fato é que o símbolo nacional, tão presente nas manifestações que se seguiram em 2015 e 2016, é colocado pela artista como a lembrança da violência.

O MEDO PARA ALGUNS E O DESEJO PARA OUTROS DE UMA INTERVENÇÃO MILITAR VIVE PRESENTE ENTRE NÓS...

Às vésperas do julgamento do *habeas corpus* de Lula, Bianca Turner, na intervenção urbana *Filosofia dos Gabinetes*, no Largo da Batata (Pinheiros), distribui lambe-lambes com frases dos mentores do AI-5. Contextualizadas, as frases nos levam



Fig. 4 e 5: Marcela Tiboni, *Resistência Uniforme*, 2017-2018. Imagem: Divulgação.

à reflexão sobre o momento político nos quais estamos imersos. O medo para alguns e o desejo para outros de uma intervenção militar vive presente entre nós. As referências ao regime militar, à repressão e à tortura são sombras que ameaçam a frágil democracia brasileira (hoje, mas do que nunca). Parece necessário o reavivar da conjuntura que nos levou às restrições das liberdades individuais por mais de 20 anos.

Já o trabalho *Resistência Uniforme* (2017/2018), de Marcela Tiboni, apresenta símbolos de resistência, ao longo do mundo, bordados em camisetas usadas. São emblemas variados ligados à resistência feminina, negra e homossexual. Mostra o repertório imagético contrário ao nazismo, à polícia militar ou aos regimes ditatoriais, inclui o bordado de ícones, tais como, a máscara do *Anonymous*, os *Black Blocs*, o “Pato da

FIESP”, a insígnia da CBF e homenagem aos desaparecidos políticos na ditadura. Esse é um trabalho delicado dentro conjunto da obra da artista; ele é delicado na manufatura e também pelos diversos significados que lhe podem ser atribuídos, mas ele discute, sobretudo, a situação social, econômica, política e racial que cerca nossa realidade.

Em síntese, sem a pretensão de esgotar o paralelo entre arte e o instante político e respondendo a primeira questão, toda arte é potencialmente política porque, para além de sua função social, ela é resistência, afeto, insubordinação e, muitas vezes, é a tomada de consciência de que às bandeiras partidárias são menos relevantes do que o ato de existir em sociedade e nela insistir nas revoluções diárias. Às vezes, os amores, os instintos e a inscrição do instante, se tornam declarações políticas. Cabe aos artistas o registro sensível desses “agoras” e aos historiadores o permanente reexame dessas proposições.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. **Arte e sociedade: uma relação polêmica**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

BELTING, Hans. **O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois**. Tradução Rodinei Nascimento, São Paulo: Cosac & Naify, 2006, 320p.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

DANTO, Arthur. **Após o Fim da Arte. A Arte Contemporânea e os Limites da História**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.